

**A EDIFICAÇÃO DE EDUCAÇÃO CORPORATIVA EM PRESIDENTE PRUDENTE:
DUAS TIPOLOGIAS DE ARRANJOS ARQUITETÔNICOS DO MODERNISMO
PAULISTA E A MANUTENÇÃO DOS DESÍGNIOS**

Hélio Hirao

Arquiteto/ Professor Doutor FCT – UNESP
Presidente Prudente, Brasil, hirao.arq@gmail.com

Rodrigo Morganti Neres

Arquiteto/ Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM
São Paulo, Brasil, guigomorga@yahoo.com.br

Fabrizio Rosati

Curso Arquitetura e Urbanismo/ FCT – UNESP
Presidente Prudente, Brasil, rosati_fabrizio@hotmail.com

A EDIFICAÇÃO DE EDUCAÇÃO CORPORATIVA EM PRESIDENTE PRUDENTE: DUAS TIPOLOGIAS DE ARRANJOS ARQUITETÔNICOS DO MODERNISMO PAULISTA E A MANUTENÇÃO DOS DESÍGNIOS

RESUMO

O estudo analisa as obras modernistas de duas construções relacionadas a educação corporativa em Presidente Prudente-SP. As edificações do SENAC-Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e do SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial são de características da escola paulista de arquitetura, estão localizadas próximas e foram construídas na metade da década de 1960 e início da década de 1970, na então periferia da cidade. Os autores não são nativos da cidade e as concepções foram realizadas por arquitetos atuantes na cidade de São Paulo, sendo o primeiro projeto do reconhecido escritório Botti Rubin Arquitetos e o segundo com traços marcantes dos idealizadores das pioneiras escolas modernas do SENAI, Roberto Tibau, Hélio Duarte e Ernest Mange.

Presidente Prudente é uma cidade média do oeste paulista, cujo momento econômico favorável na época possibilitou uma produção arquitetônica modernista significativa. Nos discursos dos atores que produziram estes espaços havia a forte presença de um ideal progressista como solução para os problemas arquitetônicos e urbanos, em contraposição ao visto na prática, uma população conservadora com anseios modernistas. Neste contexto, um conjunto de obras públicas e privadas foram executadas e muitas ainda persistem no tecido urbano atual sem apresentar descaracterizações que as comprometam.

Essas duas obras apresentam soluções arquitetônicas diferenciadas. O SENAC com arrojo estrutural explorando a tecnologia construtiva e plástica do concreto armado aparente, tradicional do brutalismo paulista. Por outro lado, o SENAI com uma solução estrutural simples de pilares e viga, uma obra sóbria a primeira vista, mas que ao adentrar e percorrer seus espaços revela uma rica composição de um repertório composto por elementos da arquitetura modernista. As soluções formais apresentam diferenças expressivas, mas o discurso e seus princípios projetuais estão inseridos no ideário da escola paulista de arquitetura.

Apesar de serem concebidas por tipologias distintas apresentam similaridades e dentre as opções em comum de projeto destacam-se: o volume único, a solução do pátio interno que define a organização espacial do edifício, o uso de soluções para o conforto térmico local explorando a iluminação e a ventilação natural, assim como a utilização de pouca variedade de materiais, a austeridade construtiva e a clareza estrutural.

Desse modo, esta pesquisa visa compreender uma produção arquitetônica modernista fora do eixo das grandes cidades, realizando um inventário arquitetônico dessas obras para iniciar um processo de reflexões sobre a sua implantação no tecido urbano das cidades médias paulistas verificando a permanência ou não de seus desígnios na sua configuração atual. Assim, levanta os projetos concebidos e os desígnios imaginados por seus projetistas e observa suas reações de apropriação socioespacial para verificação da permanência dos princípios do modernismo paulista.

Reforça que, do mesmo modo que a arquitetura moderna está condicionada por sua materialidade e concepção estrutural, a manutenção da função educacional original no contexto atual foi fundamental para a preservação dos edifícios. Dessa forma fornece subsídios para o debate das possibilidades de intervenção que garantam a salvaguarda deste importante patrimônio arquitetônico e urbanístico num contexto de produção do espaço urbano de predomínio dos interesses privados, com valores imobiliários se impondo sobre os valores históricos e culturais das cidades, em contraposição ao desenvolvimentismo promovido pelo poder público na década de 60 e 70. Resumo (máximo de 600 palavras), fonte Arial 10 normal, espaçamento simples.

Palavras-chave: escola paulista de arquitetura, arquitetura escolar, Presidente Prudente.

ABSTRACT

The study analyzes two modernist constructions related to corporate education in Presidente Prudente-SP. The buildings of SENAC and SENAI are characteristics of “São Paulo School of Architecture” are located nearby and were built in the mid-1960s and early 1970s, in what was the periphery of the city. The authors are not native of the city and the conceptions were conducted by architects working in the city of São Paulo, the first project by the recognized office Botti Rubin Architects and the second with strong traces of the idealizers of the modern schools SENAI pioneers, Roberto Tibau, Hélio Duarte Ernest and Mange.

Presidente Prudente is a middle-size city in western São Paulo, whose favorable economic moment enabled a significant modernist architectural production. In the speeches of the actors who produced these spaces had a strong presence of progressive ideal as solution for architectural and urban problems, in contrast to that seen in practice, a conservative population with modernist longings. In this context, a set of public and private buildings have been constructed and many still persist in current urban fabric without presenting discharacterization that compromise its conception.

These two projects have different architectural solutions. The Senac with structural boldness exploits the buildings technology and the esthetics of fair-faced concrete , traditional of the “Paulista Brutalism”. On the other hand, the SENAI with simple structural solution of pillars and beam, a building sober at first glance, but upon entering and go through their spaces reveals a rich composition of repertoire modernist architecture. The formal solutions show significant differences, but the speech and its principles are embedded in projective ideals of “São Paulo School of Architecture”.

Although they were designed by different typologies, the projects have similarities. Among the common options of design are: a single volume, the solution of the internal courtyard which defines the spatial organization of the building, the use of solutions to local thermal comfort, exploring lighting and natural ventilation, as well as the use of narrow range of materials, the severity constructive and the structural clarity.

Thus, this research aims at understanding the production modernist architectural off-axis major cities, conducting an inventory of these architectural buildings to start a process of reflection on their deployment in the urban middle-size cities of São Paulo, verifying the presence or not of his designs in its current

configuration. Thus, this research gathers the projects and the designs imagined by its authors and observe their socio-spacial appropriations to verification of permanence of the principles of “São Paulo School of Architecture”.

Emphasizes that, in the same way that modern architecture is conditioned by its material and structural design, maintaining the original educational function in the current context was essential to the preservation of the buildings. Thus provides subsidies for the discussion of the scope of intervention to ensure the safeguarding of this important architectural and urban heritage in the context of the production of urban space dominance of private interests, with property values being imposed on the historical and cultural values of the cities, as opposed developmentalism promoted by the government in the 60s and 70s.

Keywords: “São Paulo School of Architecture”, school architecture, Presidente Prudente.

INTRODUÇÃO

ARQUITETURA E POLÍTICA

Escola Paulista foi o termo utilizado para denominar a produção de uma série de arquitetos atuantes em São Paulo a partir do fim dos anos 50 liderados por João Batista Vilanova Artigas. A trajetória profissional de Artigas imediatamente anterior a esse período ficou marcada pela reflexão crítica de pressupostos ideológicos da arquitetura moderna, contra o abstracionismo formal, questionando o universalismo e arguindo a respeito do lugar social que o arquiteto como profissional deve adquirir¹.

Após esse período de revisão crítica da sua atuação, uma resposta surge nas primeiras obras residenciais do fim dos anos 50 e começo dos anos 60, tais conceitos encontrados nesses projetos são difundidos e amplificados em obras de maior escala.

Os projetos de residências burguesas são emblemáticos e revolucionários, várias estratégias projetuais adotadas nas casas são também estendidas para escolas e clubes, uma vez que tais soluções estavam intimamente relacionais ao posicionamento do arquiteto perante a sociedade. Instaura-se nesse momento uma característica muito marcante da escola paulista que é a relação entre arquitetura e política, deste modo Artigas se propôs a construir um novo modelo residencial para a classe burguesa, imbuído de um sentido verdadeiramente cidadão, já que na época a educação moral da alta classe era um plano político importante da esquerda brasileira (vale lembrar que Artigas era militante atuante do PCB – Partido Comunista Brasileiro).

Wisnik (2010) destaca as soluções arquitetônicas em comum dos projetos residenciais: concepção estrutural definidora da forma, uso do concreto armado ou protendido, volumetria compacta conformada por uma cobertura única, predomínio de muros cegos que obstruem a relação direta entre exterior e interior, ênfase em uma espacialidade interior contínua e pautada por pátios, jardins e grandes espaços capazes de incorporar atributos de paisagem externa ao interior dos edifícios, utilização de materiais notadamente urbanos e opção por espaços amplos de circulação que adquirem função de estar.

Quando consolidadas em conjunto e imbuídas de um desejo premeditado de civilidade, essas características têm como objetivo final transformar cada projeto em cidades em si mesmo, imprimindo ao edifício um caráter de arquitetura como paisagem urbana construída. A missão que Artigas leva a cabo é uma tentativa de construir em seu interior os espaços de uma nova sociedade coletiva, porém austera, afirmando o caráter público dessa arquitetura paulista (Wisnik, 2010).

¹ O artigo “Os Caminhos da Arquitetura Moderna” publicado originalmente em 1952 é um marco simbólico desse período de crise profissional. Ainda sem uma resposta concreta aos anseios, Artigas termina o texto com teor de suspense questionando se o melhor a fazer é continuar a trabalhar e esperar pela mudança da sociedade ou abandonar a função de arquiteto e partir para a luta revolucionária.

Isto é, uma nova compreensão da forma, agora vista como um campo de tensões, uma estrutura de relações materiais em permanente conflito. Assim, surge a incorporação forçada da opacidade nos seus trabalhos, em uma problematização explícita, e até mesmo didática, da relação entre o interior e o exterior do edifício. Ou, em outras palavras, entre o indivíduo e a sociedade (WISNIK, 2010).

O pensamento de Artigas materializado na forma construída se distancia de um abstracionismo geométrico para ser pensado como estrutura que expressa os preceitos mecânicos de funcionamento dos esforços e deixa visível o fazer arquitetônico expressado pela forma dos fluxos vetoriais (cargas, empuxo, peso, ventilação, iluminação), deixando as marcas do seu ciclo de produção, mediante a utilização franca dos materiais e os sinais resultantes dos processos de execução (Kamita, 2004).

O brutalismo de Artigas e da Escola Paulista pretende dar um passo a frente no contexto de um Brasil subdesenvolvido, tendo em vista a superação do atraso local.

Neste sentido, seu modelo de desenvolvimento para o Brasil, e também de atuação profissional, evita sistematicamente cair no miserabilismo ou na valorização da criatividade popular e do artesanato, mantendo a firme convicção de que toda a criação transformadora deveria partir do projeto realizado por um ilustrado corpo técnico e amparada pelo Estado (WISNIK, 2010).

Artigas, em sua visão da arquitetura como arte de finalidade prática, pretende algo mais à sociedade ao defender um projeto ideológico de uma cultura nacional, fundamentada em uma visão para o futuro do país.

Fazer com que cada homem do povo compreenda, ao desfrutar de uma obra arquitetônica, a dignidade que é modificar o espaço em nome de um humanismo novo que deve ser o humanismo de quem faz o projeto do futuro de nossa pátria, de nosso povo (ARTIGAS, 2004).

ARQUITETURA ESCOLAR

No final dos anos 50, ou seja, concomitante ao período de retomada da atividade profissional de Artigas, que nos quinze anos seguintes irá construir uma série de obras extraordinárias que o consolidarão como um dos principais arquitetos brasileiros, um plano de emergência para construção de equipamentos escolares é lançado pelo governo Carvalho Pinto.

O PLADI (Plano de Ação e Desenvolvimento Integrado), mais conhecido como “Plano de Ação”, é lançado para retomar o déficit de unidades escolares no Estado de São Paulo. Como os órgãos de governo responsáveis não estavam com infraestrutura e equipe necessária para atender um plano de caráter emergencial, os projetos foram atribuídos a arquitetos de fora da estrutura pública, dentre os quais estão, além de Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Fabio Penteadó.

Segundo o próprio arquiteto, é a partir do conjunto apreciável de escolas construídas em tempo recorde (são mais de seiscentas novas unidades entre 1959 e 1962) que a arquitetura de São

Paulo toma novos rumos e que, pelo trabalho conjunto de diversos arquitetos, se identificou pela primeira vez a existência da Escola Paulista. As similaridades nas escolas não estão somente nas características construtivas em comum, mas, sobretudo pela revisão e proposição de um novo modelo pedagógico para a educação, naquela que era a primeira grande encomenda do Estado à arquitetos paulistas.

Diante da envergadura e do alcance social de tal projeto, a primeira decisão de Artigas é por em questão o próprio programa da escola. Disso resulta a recusa em pensar o edifício como um agregado aleatório e precário de blocos independentes (salas, administrativo, serviços e pátio), para se decidir por um partido que favoreça a integração orgânica entre os setores (KAMITA, 2004).

Dentre os 32 projetos escolares que Artigas desenvolveu destacam-se a escola de Itanhaém (1959) e a de Guarulhos (1960). Na escola da baixada santista o arquiteto, assim como nos projetos de residências da mesma época, reúne todo o programa sob uma cobertura única e com um sistema construtivo de pórticos sequenciados de perfis inclinados, abriga todos os ambientes sem que seja prejudicado o sentido de continuidade espacial. Nessa escola o pátio é elemento principal, “na medida em que este se dispõe, a um só tempo, como área pública e privada: espaço participante do interior do edifício, mas também zona aberta e em contato com o exterior” (KAMITA, 2004). Neste ponto detecta-se uma ambiguidade entre os ambientes internos de destacada riqueza espacial e o exterior do edifício com uma volumetria simples e com um envoltório rígido que esconde suas qualidades interiores.

A escola de Guarulhos, mesmo com um programa mais complexo, permanece com a mesma tipologia que garante sintonia entre a estrutura espacial e estrutura portante, com um destaque ainda maior para o interior do edifício. Nesta escola mantém-se a premissa de organizar o programa sob um teto único, sendo que neste caso, as salas de um lado e a administração/biblioteca/cantina na face oposta conferem ao centro o papel de elemento articulador, com jardins e com o grande pátio central coberto e iluminado zenitalmente, esse será um artifício bastante utilizado nas obras posteriores de Artigas.

No edifício de Guarulhos a horizontalidade é evidente, dificultando a leitura completa do projeto a partir do exterior e ao mesmo tempo reduzindo a importância da fachada mediante o enriquecimento das relações espaciais internas, com ambientes sem obstrução vertical e organizados através de taludes e balcões que permitem manter a fluidez visual.

Wisnik (2010) destaca que nessas duas escolas Artigas reduz ao máximo os pés direitos dos ambientes com o objetivo de evitar a monumentalidade e aproximar o edifício do solo. Com isso o arquiteto se posiciona de maneira contrária à leveza da arquitetura em favor de uma explicitação do peso. Artigas destaca o poder de fazer uma arquitetura que com seus edifícios possa ter algo a dizer, sobretudo através do modo de construir.

Quanto a mim, confesso-lhes que procuro o valor da força da gravidade, não pelos processos de fazer coisas fininhas, uma atrás das outras, de modo que o leve seja

leve por ser leve. O que me encanta é usar formas pesadas e chegar perto da terra e, dialeticamente negá-las (ARTIGAS, 2004).

Artigas ainda completa:

É como se eu tivesse deixado uma marca de atitude que sempre me comoveu, que é colocar a obra na paisagem, com um certo respeito pela maneira como ela “senta” no chão; como ela se equilibra, se exprime através da leveza, a marca dessa dialética entre o fazer e a dificuldade de realizar (ARTIGAS, 2004).

Segundo Wisnik (2010) a referência à “dialética entre o fazer e a dificuldade de realizar” define de maneira bastante clara o ímpeto combativo de sua obra, assim como sua visão e sua ideologia político-social.

Dessa forma, as características da arquitetura brutalista paulista brevemente apresentadas acima demonstram afinidades com o programa renovação das escolas de educação corporativa implantadas em Presidente Prudente, cidade média do interior paulista que serão verificadas na sequência.

Aborda assim, as edificações do SENAC-Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial e do SENAI-Serviço Nacional de Aprendizagem, localizadas próximas e construídas na metade da década de 1960 e início da década de 1970, na então periferia da cidade. Sendo o primeiro projeto do reconhecido escritório Botti Rubin Arquitetos e o segundo com traços marcantes dos idealizadores das pioneiras escolas modernas do SENAI, Roberto Tibau, Hélio Duarte e Ernest Mange.

Há sem dúvida nos dois conjuntos arquitetônicos pontos em comum com o ideário social e a linguagem da Escola Paulista, sobretudo pelo desígnio da valorização do espaço público, coletivo, democrático, do encontro, da relação com o espaço privado. Porém são obras de arquitetos não tão atuantes politicamente, mas muito voltados para o desenvolvimento da prática arquitetônica na prancheta, envolvidos com a evolução do desenho associando o apuramento do processo construtivo, qualidades espaciais, conforto ambiental e incorporando as características do ideário modernista.

Desta forma, promove o debate da relação do desígnio paulista e a apropriação socioespacial da obra numa cidade média do interior do Estado de São Paulo realizando uma abordagem num contexto diferente das metrópoles, mas relacionados, visando estabelecer diretrizes das possibilidades de salvaguarda destes importantes registros materiais de um período fértil e criativo da arquitetura brasileira no contexto de transformações do cotidiano da cidade atual.

SENAI - ARQUITETURA DA SIMPLICIDADE

Construído em três etapas, a primeira em 1966, a escola SENAI “Santo Crepaldi” atende um público alvo na faixa etária dos 14 aos 16 anos, da região de Presidente Prudente-SP, visando a formação em ocupações qualificadas da indústria.

A identificação da autoria do projeto arquitetônico desta escola corporativa, ainda não foi possível, mas através de uma pesquisa relacionada com as origens do SENAI e seus idealizadores, dentro de um contexto de renovação da educação no Estado de São Paulo com as escolas modernas do sistema dos três S, SESC-SENAI (FERRAZ, 2003,) verificou-se encaminhamentos prováveis para o debate dessa produção.

As propostas de novas exigências sociopedagógicas solicitaram uma renovação nos espaços arquitetônicos existentes. Assim, a partir da década de 1950, os arquitetos Ernest Mange, Helio Duarte e José Roberto Tibau, apoiados em educadores como Darcy Ribeiro (escola nova) e Anísio Teixeira (escolas-classes e escolas parque) propuseram uma arquitetura que marca esse momento com construções icônicas que serviram de referências para construção das outras (SEGAWA, 1998).

Como afirma Ferraz (2003) temos as influências dos princípios corbusianos das estruturas independentes, pilotis, grandes vãos envidraçados, fachadas livres, mas o certo que características nacionais identificaram essa nova proposta paulista, cuja poética marca a paisagem urbana, mas propõe um diálogo com a paisagem do entorno que se integram a flexibilidade dos espaços internos através da estrutura independente proporcionado a sensação de liberdade ao usuário do espaço enquanto espaço organizado e utilitário, no movimento das pessoas a percepção de continuidade espacial de espaços cobertos e descobertos, com os jardins abertos a cidade.



Figura 1 – SENAI atualmente
Fonte: Fabrizio Rosati

De tal modo que esses princípios projetuais se materializaram nas diversas cidades paulistas, criaram uma identidade das escolas do SENAI. Dessa forma, percebem-se as influências desses arquitetos no SENAI de Presidente Prudente, que induz até a pensar que são os autores do bloco inicial da escola “Santo Crepaldi”. Entretanto é necessária uma documentação mais precisa para fazer a identificação.



Figura 2 – SENAI atualmente
Fonte: Fabrizio Rosati

Temos desse modo, a aplicação prática dessa arquitetura moderna paulista, com seus princípios projetuais, com muita clareza, mas com materializações próprias desse grupo de arquitetos. Consolidam uma arquitetura como modelo (SEGAWA, 2002) definido a partir dos conceitos de projeto e desenho ao concretizar na obra, o desígnio modernista paulista.



Figura 3 – SENAI atualmente
Fonte: Fabrizio Rosati

Contrapondo a arquitetura escolar vigente até então, a escola monumento, majestosa, austera, de linhas tradicionais, a proposta de desses arquitetos indicaram e materializaram uma escola alegre, horizontal em meio a jardins (SEGAWA, 1998).



Figura 4 – SENAI
Fonte: acervo SENAI Presidente Prudente

Na escola de Presidente Prudente, a escolha de solução de um sistema construtivo simples composto de pilares e vigas comparece com uma rígida modulação. Essa sobriedade e simplicidade construtiva, na verdade, é apenas aparente, uma vez que, quando se percorrem seus espaços, revelam-se uma rica e qualificada composição espacial do repertório composto dos princípios da arquitetura moderna paulista.

SENAC - ARQUITETURA DO ARROJO ESTRUTURAL

Como escola de educação corporativa, da mesma forma que o SENAI, o SENAC também, para adequar as novas exigências da prática pedagógica proposta na década de 1950/60 necessitou de novas respostas arquitetônicas para consolidar o processo de formação desse novo aluno qualificado para atuar no comércio.

O escritório de arquitetura dos arquitetos Alfredo Botti e Marc Rubin concebeu o espaço arquitetônico do SENAC de Presidente Prudente, marco urbano de uma das regiões mais valorizadas da cidade. Construída num terreno doado pela Prefeitura Municipal em 1978 representa o ponto de vista de outro grupo arquitetônico paulista. A concepção do desígnio arquitetônico modernista a partir da definição do sistema estrutural, na relação de continuidade espacial público-privada, característico de pensamento de Vilanova Artigas e da Escola Paulista, comparece nessa obra.

O uso da exploração plástica das estruturas de concreto foi difundido pela Escola Paulista (BASTOS; ZEIN, 2010). Assim, de acordo com o pensamento arquitetônico desse momento, interlocutores das gerações que se seguem, como Botti e Rubin, utilizam do arrojo e beleza do sistema de pórticos articulados demonstrando o domínio tecnológico do concreto pela engenharia nacional e a comprovação de sua eficácia pela possibilidade proporcionada pela utilização de seus princípios pelos arquitetos em seus projetos arquitetônicos.



Figura 5 - SENAC

Fonte:<http://www.bottirubin.com.br/port/projetos/projeto.php?id=100>

Acesso em 06/06/13

Essa exuberância formal proporcionada pelo sistema estrutural desses pórticos converge para um anel estrutural no centro do prisma cilíndrico contrabalançado por uma empena cega de concreto aparente que funciona como um brise para as superfícies envidraçadas dos ambientes internos.



Figura 6 - SENAC atualmente

Fonte:<http://www1.sp.senac.br/hotsites/wordpress/?tag=aniversario>

Acesso em:04/08/13

Desse modo, um jardim descoberto, demarcado pelos pórticos de concreto na cobertura vazada constitui-se numa praça de eventos aberta para o interior do edifício e para o exterior, para o espaço da cidade. A fluidez espacial permite a continuidade dos espaços públicos e privados, ou seja, a permeabilidade visual relaciona a cidade, o edifício e o lote composto de um conjunto de grandes árvores, quase um bosque. Do mesmo modo essa característica estrutural não configura monumentalidade, a horizontalidade predominante articulada com a ocupação de cheios e vazios do volume construído traduzem uma relação de integração na apropriação do terreno configurando leveza ao conjunto arquitetônico.



Figura 7 – SENAC

Fonte:<http://www.bottirubin.com.br/port/projetos/projeto.php?id=100>
Acesso em 06/06/13



Figura 8 – SENAC

Fonte:<http://www.bottirubin.com.br/port/projetos/projeto.php?id=100>
Acesso em 06/06/13

Desse modo, o conteúdo programático da escola acomoda ao longo do prisma cilíndrico coberto de forma organizada por funções. Esses ambientes internos, todos com muita insolação e ventilação natural, protegidos quando em excesso, com um vocabulário arquitetônico do modernismo, como brises e pergolados, se voltam para a praça de eventos, a circulação, um terraço/varanda, ocorre no limite do espaço interior e exterior, garantindo uma ambientação intensa para sensações dos órgãos humanos dos usuários desses ambientes.

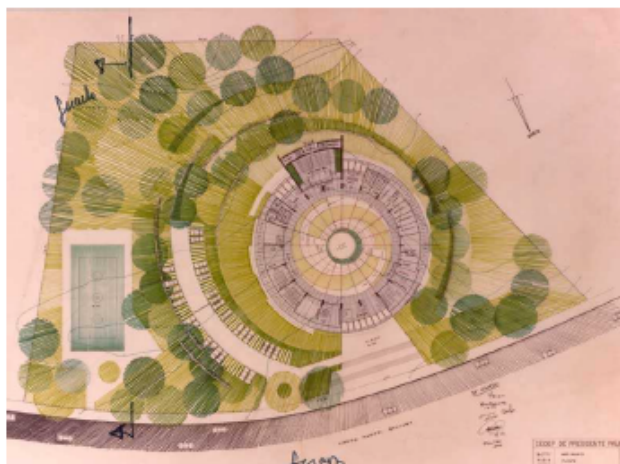


Figura 9 - Planta SENAC
Fonte: Acervo SENAC Presidente Prudente



Figura 10 - Solenidade de inauguração
Fonte:<http://www1.sp.senac.br/hotsites/wordpress/?tag=aniversario>
Acesso em:04/08/13

Contrapondo a exuberância da estrutura, a utilização de uma palheta restrita de materiais caracterizaram a austeridade e homogeneidade da solução arquitetônica, por outro lado proporcionaram espaços qualificados com o arranjo das formas arquitetônicas com suas expressões dos materiais in natura com utilização da luz natural de diversas intensidades, característica do brutalismo paulista.

A APROPRIAÇÃO E O DESÍGNIO/ MANUTENÇÃO DOS IDEAIS MODERNISTAS

As duas obras, projetadas por escritórios de São Paulo e distantes do contexto de Presidente Prudente, encontram na cidade do oeste do Estado um ambiente favorável para implantação do desígnio da arquitetura paulista, onde o moderno justifica o “progresso” no discurso dos atores políticos e conseqüentemente da população, entretanto o que se percebe na realidade local é

uma sociedade extremamente conservadora com anseios modernistas presentes apenas no discurso (HIRAO, 2008).

A breve introdução deste trabalho mostra que a arquitetura moderna pode ser interpretada sob dois aspectos: o conceitual e o físico. Essa relação é evidente na atuação dos arquitetos da Escola Paulista, de um lado pelo viés político e de outro pelas soluções formais aplicadas.

Se para Montaner (2013) o próprio escopo conceitual e a materialidade física demonstraram, em muitos casos, a fragilidade da arquitetura moderna ser preservada no decorrer dos anos, nota-se que os dois projetos não sofreram mudanças estruturais significativas que chegassem a impedir a salvaguarda desses conjuntos arquitetônicos na cidade de Presidente Prudente. O autor destaca a multiplicidade da questão da preservação do patrimônio moderno, uma vez que os próprios meios que propiciaram o desenvolvimento dessa arquitetura têm papel fundamental na fragilidade com que as construções com esse ideário apresentam para conservação.

Três paradoxos são fundamentais para compreender essa fragilidade: o tecnológico, o funcional e o simbólico-conceitual. Ou seja, o próprio desenvolvimento tecnológico da construção, o extremo funcionalismo dos ambientes e o papel simbólico de inovação tenderam a prejudicar a preservação do patrimônio modernista (MONTANER, 2013).

O que se identifica nos dois projetos é que esses três paradoxos, apesar de determinantes para as mudanças de uso e apropriação dos espaços, não interferiram na manutenção das edificações no tecido urbano. O fator essencial para a salvaguarda de ambos os conjuntos com certeza foi a manutenção do seu uso original, uma vez que mesmo inseridos em uma cidade com um contexto dinâmico de crescimento após os anos 70, a educação se manteve como função primordial. Ao contrário, nota-se que muitos edifícios modernos tiveram que sofrer alteração na sua destinação para serem conservados, muitos deles passando a ter função cultural. Uma arquitetura rígida e compartimentada como é a das escolas teria uma difícil adaptação para outros usos, à medida que a máxima precisão funcional condiciona e inviabiliza certas mudanças de função.

A questão tecnológica também não interferiu decisivamente na salvaguarda das duas escolas, permitindo a continuidade do SENAI e do SESC como instituições atuantes na cidade, ainda que ambas utilizem a tecnologia do concreto aparente com estrutura, tornando-as desprotegidas das intempéries, fato que exige manutenção correta.

A questão simbólico-conceitual permanece como aspecto negativo em ambos os projetos, com o fechamento dos espaços públicos para a cidade, desvirtuou-se o desígnio original da valorização do espaço público, coletivo, democrático, do encontro e da relação com o espaço privado. Perdeu-se a ambiguidade e a continuidade espacial e com isso também se depreciou e muito o ideário social da arquitetura da época. Atualmente pouca integração há entre a cidade e seus habitantes com as duas edificações, o contato com os ambientes internos é feito quase que estritamente

pelos alunos das escolas, empobrecendo a riqueza espacial e a diversidade de usos que envolvia o desígnio original dessa arquitetura.

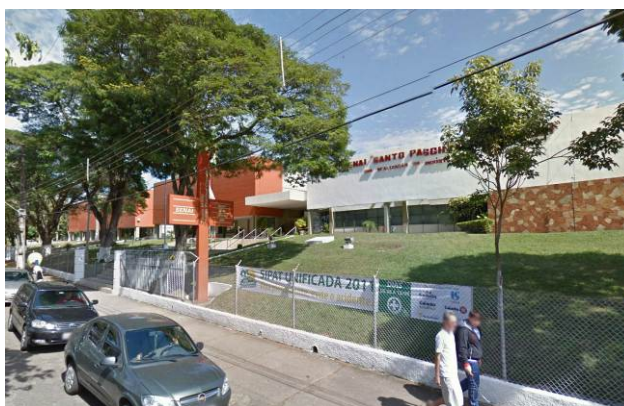


Figura 11 - SENAI com as grades
Fonte: Google Street View



Figura 12 - SENAC com as grades
Fonte: Fabrizio Rosati

ANÁLISES FINAIS

O pensamento da Escola Paulista acabou por gerar um repertório característico de formas arquitetônicas, influente por várias gerações de arquitetos que na sua adaptação e evolução, desenvolvem uma arquitetura de qualidade, mesmo a utilização de seus espaços seja feita por uma sociedade conservadora.

Estratégias projetuais utilizadas nas duas obras são evidentes manifestações da arquitetura paulista e consolidam a relevância de ambas em um contexto afastado dos grandes centros de produção arquitetônica. Destacam-se como características comuns aos dois projetos: a concepção estrutural, mesmo que com diferenças marcantes entre si, como determinante da forma dos edifícios; o volume único que abriga todo o programa; a importância do pátio interno como elemento articulador espacial; concreto aparente como materialidade marcante; a relação

de continuidade com o espaço público; e a baixa altura da edificação que evita a monumentalidade e prioriza a inserção e o diálogo com a paisagem.

A disseminação dos ideais modernistas paulistas materializados nas obras de educação corporativa encontrou um contexto favorável para sua implantação em Presidente Prudente. Desse modo, esses espaços arquitetônicos foram incorporados no cotidiano de seus usuários. No entanto, os usos e apropriações estão restritos às atividades das escolas, uma vez que o seu acesso é controlado. Dessa forma, as propostas de abertura dos espaços para a cidade não existem mais, o desígnio da Escola Paulista está registrado no edifício, possível de ser percebido, mas sem a vivência concebida.

Assim, essas arquiteturas permanecem como importantes referenciais físicos no meio urbano para a identidade da cidade, e o desafio é garantir sua permanência na cidade contemporânea com todas as transformações sociais que sofre e com muita rapidez.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da arquitetura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRAZ, Artemis Rodrigues Fontana. **As pioneiras escolas modernas do SENAI e seus idealizadores**. In Anais do 5º. Seminário Docomomo Brasil. São Carlos: 2003.

FRAMPTON, Kenneth. **Vilanova Artigas y la Escuela de São Paulo**. In: João Vilanova Artigas. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

HIRAO, Hélio. **Arquitetura moderna paulista, imaginário social urbano, uso e apropriação do espaço. Presidente Prudente: 2008**. 224 f. Tese (Doutorado em Geografia Urbana) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas**. Coleção Espaços da Arte Brasileira. São Paulo: Cosac Naify, 1ª edição, 2004.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura bancária e outras artes**. Revista Projeto, São Paulo, n.26, p.27-28, 1981.

MONTANER, Josep Maria. A fragilidade da arquitetura moderna: paradoxos tecnológicos, funcionais e simbólicos em sua reabilitação. In: **A modernidade superada**. Ensaios sobre arquitetura contemporânea. Gustavo Gili, Barcelona; 2ª edição revista e ampliada, 2013.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil, 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. Hélio Duarte. In **Revista AU** no. 80, Out/Nov 1998. São Paulo: Pini.

WISNIK, Guilherme. **Vilanova Artigas y la Dialéctica de los esfuerzos**. in FRAMPTON, Kenneth. João Vilanova Artigas. Barcelona: Gustavo Gili, 2010.